

A FAMÍLIA ADOTIVA E A ESCOLA

Tania Luchi

Psicóloga, psicoterapeuta de família, coord. GAFAP.

Parte I

A escola talvez seja a instituição que mais rapidamente tenha que absorver as mudanças efetuadas na sociedade, e particularmente na família. A escola pode ter um perfil conservador, ou de vanguarda, mas é inevitável que tenha que se confrontar com as vertiginosas transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas no perfil da família brasileira. A família tradicional formada através de laços consangüíneos, tem cedido espaço a diversas formações familiares, tais como: a família monoparental, a família do divórcio, a família do recasamento, a família formada através de gameta de doador, a família formada através de óvulo de doadora, a família formada através de útero substituto, e a **família formada através da adoção**. Esta, muito antiga, pois a adoção já existia na época dos faraós do Egito, mas muito nova enquanto assumida socialmente como uma formação familiar, saindo do espaço do mistério e do sigilo.

A escola tem a complexa tarefa de contemplar as necessidades educacionais, em seu sentido mais amplo, das crianças provenientes de todas essas formações familiares sem negligenciar ou discriminar nenhuma delas, e deve contribuir para que sejam superados mitos e preconceitos que impedem que as várias configurações familiares recebam a mesma consideração, reconhecimento e respeito. Entretanto, essa tarefa só terá êxito se a escola for capaz de reformular o tradicional conceito de paternidade e maternidade, até então compreendido apenas como produto de uma relação biológica, e avançar para uma compreensão mais abrangente, onde seja privilegiada a construção do vínculo afetivo como formador do sentimento de filiação, de paternidade, e de maternidade.

As autoras italianas Alloero, Pavone e Rosati (1), apropriadamente, nos advertem *que “ter nascido de” não significa “ser filho de”,* contrapondo o ato da procriação à complexa e amorosa tarefa de educar um filho. Conclamam os docentes, as associações de pais, os institutos de pedagogia, os autores de livros, e as editoras, em conjunto, para que enfrentem o problema das transformações sociais decorrentes das novas configurações familiares, denunciando que “os livros escolares ainda utilizam, em sua grande maioria o modelo de família “oficial”, onde o conceito de paternidade e maternidade está exclusivamente baseado nas ligações biológicas”. Alertam para o fato de que *“as relações de sangue podem estar perdendo a sua importância em favor das relações por afinidade, unidas por laços de afeto”*.

Em nossa opinião, as escolas não podem prosseguir ignorando

essa realidade, e excluir as crianças adotadas, as órfãs, as criadas pelos avós, as criadas pelas esposas de seus pais, as criadas pelos maridos de suas mães, as que desconhecem os seus pais, as criadas em abrigos públicos, sim, essas também freqüentam as escolas públicas e particulares.

Parte II

Como excluem? Ignorando as múltiplas realidades das famílias de seus alunos, e aqui nosso foco é a família formada pela adoção, solicitando quando nas comemorações do Dia das Mães: fotos da barriga, ultra-sonografias, fotos do bebê no berçário, e até mesmo fazendo pequenas dramatizações de lembranças das mães quando tinham os bebês em sua barriga. No Dia dos Pais também solicitam fotos impossíveis de serem obtidas por crianças que não conheceram seus pais, ou não convivem com eles. Também praticam a exclusão quando se utilizam, sempre, da imagem da família tradicional de pai, mãe e filhos biológicos em exercícios didáticos.

Outra forma simplista de discriminação é atribuir como a causa de qualquer problema apresentado pelas crianças que foram adotadas o fato isolado da adoção, partindo de um pressuposto viciado que muitas vezes cega para as múltiplas causas que geram problemas escolares. Entretanto, também os docentes estão sujeitos aos mitos e preconceitos que envolvem o tema da adoção, e freqüentemente não receberam nenhuma informação, durante a sua formação, sobre o tema da adoção. Isto leva a que alguns se equivoquem interpretando qualquer dificuldade da criança através do viés de ter sido adotada. Isso chega ao extremo, quando a criança tendo sido “rotulada como adotada”, é encaminhada ao serviço de psicologia para investigações, sem outra justificativa e, sem buscar no sistema de ensino, ou no relacionamento inter-classe, as causas para os fracassos e limitações de aprendizagem, ou comportamentais, gerando sentimentos de exclusão e marginalização, seja na criança, seja na família.

Porém, algumas vezes, também os pais participam dessa idéia preconceituosa, e conservam em seu íntimo a idéia de que seu filho está tendo dificuldades porque é adotado. Na verdade, faz parte do sistema de proteção do ser humano projetar em causas externas tudo o que é difícil de ser assumido como uma responsabilidade pessoal, assim, procura-se atribuir às causas genéticas, impossíveis de serem determinadas, ou à vivência da separação da família biológica, os problemas de aprendizagem e de comportamento de seus alunos e filhos.

Estudos focados na criança adotada e sua família têm esclarecido e desmistificado, vários dos pressupostos com os quais as escolas operam em sua compreensão da criança adotada, e serão tema de outro texto de nossa autoria, aqui, o

que desejamos foi chamar a atenção especificamente para o relacionamento discriminador de algumas escolas com a família formada através da adoção. Dessa forma, desejamos fazer algumas sugestões aos pais:

- Antes de matricular seu filho em uma escola informe-se sobre a experiência da mesma com outras famílias adotivas.
- Pergunte diretamente como a escola comemora o dia das mães e dos pais, e exponha as suas preocupações e expectativas.
- Se perceber que há boa vontade, mas pouca informação indique livros, textos, “sites” e “blogs” que divulguem informações sobre o tema da adoção, não se esqueça que é responsabilidade da família adotiva efetuar transformações na nossa sociedade em relação à adoção.
- Se perceber que há uma atitude preconceituosa em relação à adoção, e ausência do desejo de mudança, não matricule seu filho nessa escola, por melhor que seja o ensino que a mesma ofereça.

Exigir reconhecimento, respeito e consideração de todas as instituições da sociedade, é a atitude de coerência que se demanda das famílias que escolheram a adoção.

FIM

(1)- Alloero, Pavone, Rosati., “Adoção e Escola”; Freire, F, org. ; Abandono e Adoção, Contribuições para uma Cultura da Adoção, Curitiba: Terra dos Homens: Vicentina, 2001